



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ERIKA PATRÍCIO DE SOUZA

A ESPETACULARIZAÇÃO DAS QUADRILHAS NAS FESTAS JUNINAS

**GUARABIRA - PB
2017**

ERIKA PATRÍCIO DE SOUZA

A ESPETACULARIZAÇÃO DAS QUADRILHAS NAS FESTAS JUNINAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientador: Prof^o. Me. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira.

GUARABIRA - PB
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S719e Souza, Erika Patrício de.
A espetacularização das quadrilhas nas festas juninas.
[manuscrito] / Erika Patrício de Souza. - 2017
41 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação : Prof. Me. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Espetacularização. 2. Quadrilha. 3. Festa junina.
21. ed. CDD 306.4

ERIKA PATRÍCIO DE SOUZA

A ESPETACULARIZAÇÃO DAS QUADRILHAS NAS FESTAS JUNINAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.
Área de concentração: História Cultural.

Orientador: Prof^o. Me. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira

Aprovada em: 21/11/2017.

BANCA EXAMINADORA

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira

Prof^o. Me. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Waldecir Ferreira Chagas

Prof^o Dr^o. Waldecir Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Juarez Nogueira Lins

Prof^o. Dr^o. Juarez Nogueira Lins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus, por nunca ter me abandonado, em momento algum: dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu Senhor: por ter me dado forças para chegar até aqui; sem me deixar abater pelas dificuldades.

À minha família: por toda força que sempre me deram; em especial, à Dona Severina e a Seu Luiz, meus pais, que, mesmo sendo pessoas com baixo nível de escolaridade, sempre me apoiaram! Sem desmerecer, claro, os meus irmãos e, mais precisamente, o meu irmão mais novo, Everton, que sempre me apoiou e me auxiliou quando precisei.

Ao professor Mestre Antônio Flávio Ferreira de Oliveira, meu orientador, que, mesmo não sendo do Curso de História, não mediu esforços para me orientar da melhor e mais eficiente maneira: a ele os meus sinceros agradecimentos, pois sei do meu nível de chatice e ele conseguiu aguentar.

Aos meus Professores do Curso de História, que, com muita dedicação, me ajudaram a chegar até aqui. Aos demais funcionários do Campus III, que estiveram sempre prontos para auxiliar. E, claro, à minha querida turma (considerados irmãos) 2012.2, que iniciou essa batalha junto a mim, mas em especial, aos guerreiros que chegaram até ao fim. Meus sinceros agradecimentos a: Hélio Oliveira, Cláudia Vanessa, Neriane, Luciana, Jaciel, Aragão, Raíssa, Severino (Bio), João Fabrício, Alessandro e Severino, que, de maneira particular, possuem uma parcela na minha chegada até aqui.

Ao meu namorado e amigos, que aturaram as minhas agonias e compreenderam a minha ausência durante o processo de elaboração desse artigo.

Enfim, a todos e a todas que contribuíram direta ou indiretamente na finalização de mais essa etapa da minha vida.

RESUMO

As quadrilhas juninas passaram por um processo de ruptura em relação a seus elementos de tradicionalidade, tornando-se, assim, um produto da mercadoria do espetáculo. Sendo assim, surge a nossa problemática, construída sobre os seguintes questionamentos: (1) como e qual o porquê dessas transformações? (2) Que necessidades surgiram para que as quadrilhas juninas passassem por esse processo de ressignificação, no qual o tradicional perdeu o seu lugar para o estilizado? Para tanto, cumprimos com o objetivo de compreender os fatores que influenciaram nesse processo de espetacularização, no qual a sociedade capitalista e midiática inseriu as quadrilhas juninas, relacionando-as com os aspectos econômicos, culturais e históricos, para que, dessa maneira, possamos compreender as possibilidades de ruptura do tradicional para o estilizado. Para sustentarmos nossa investigação, usamos os fundamentos da sociedade do espetáculo de Debord (1997), a noção de descontinuidade histórica de Foucault (2010, 2012), dentre outras bases teóricas. Metodologicamente, foi feita uma análise a partir de imagens, que nos apresentam o processo de acontecimento de espetacularização das quadrilhas nas festas juninas. Como resultado, foi constatado que as quadrilhas juninas estilizadas compreendem o acontecimento da dança como mercadoria do espetáculo.

Palavras-Chave: Espetacularização. Quadrilha. Festas juninas.

ABSTRACT

The square dance has changed in terms of its traditional elements and it becomes a spectacle merchandise product. Thus, our problem is established in accordance with the following questions: (1) How and why the transformation process did happen? (2) What necessities are emerged for junine square dance passes for this transformation process, in which the traditional aspects became into stylized aspects? In this sense, the objective of this research tries to comprehend the facts that influence in the process of espectacularization, in which the capitalist and mediatic society inserted this modality of dance and related it to the economical, cultural and historical aspects for to permit us to understand the possibilities of changes, in which concerns the traditional and the stylized aspects. The investigation is grounded on the concepts of spectacle society of Debord (1997) and the notion of historical discontinuity of Foucault (2010, 2012), among other theoretical bases. Methodologically, it was done an analysis of images that represent the spectacularization of junine square dance. As a result, it was verified that this dance comprehends the merchandise spectacularization product.

Key words: Spectacularization. Square dance. Junine festival.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 DA DESCONTINUIDADE HISTÓRICA À ESPETACULARIZAÇÃO DAS QUADRILHAS NAS FESTAS JUNINAS.....	12
2.1 “Quadrille”: um processo de transformação.....	20
2.2 Da corte Francesa aos campos populares.....	23
2.3 Do matuto ao estilizado.....	24
3 QUADRILHAS JUNINAS: UM ACONTECIMENTO NA ORDEM DA ESPETACULARIZAÇÃO.....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXO A - IMAGENS DO PROCESSO DE ESPETACULARIZAÇÃO.....	39

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discutimos sobre a espetacularização das quadrilhas nas festas juninas. De forma particular, abordamos essa modalidade de dança, a partir do processo de descontinuidade histórica e do espetáculo, como uma construção social de produção cultural e econômica. Igualmente às demais manifestações culturais, as quadrilhas juninas passaram, ao longo dos anos, por transformações e por diversos fatores que contribuíram para essa ruptura, a saber: a globalização, a modernidade, os avanços tecnológicos (a mídia) e a enorme concentração, produção e acúmulo de capital.

O interesse por esta pesquisa surgiu mediante os conflitos de representação que as quadrilhas juninas vêm sofrendo no decorrer dos anos. Esse processo de resignificação das quadrilhas juninas na ordem do espetáculo nos permitiu uma visão da dança como uma construção socioeconômica, cultural, midiática e capitalista. Dessa forma, percebemos o quanto se faz necessário compreender os elementos que estabelecem essas mudanças, para que, dessa maneira, possamos apontar e discutir as relações existentes entre o respectivo tema e os avanços da sociedade.

As mudanças em relação à descontinuidade histórica das quadrilhas tradicionais, em contraste às quadrilhas do espetáculo, dizem respeito às condições de produção do acontecimento das quadrilhas estilizadas como um requisito essencial para associar a dança às práticas econômicas modernas. Dessa maneira, percebemos que, mesmo estando associada aos folguedos, às músicas, às comidas, às fogueiras e apontadas por abrilhantar as festas alusivas a Santo Antônio, São João e São Pedro, em especial, as de São João, as quadrilhas juninas adquiriram agentes (empresas, pessoas) internos e externos que são ou estão interessados no lucro que elas podem lhes fornecer.

Assim, esses agentes dispõem das forças da globalização, com o intuito de reavivar a tradição nordestina, apresentando-a ao mundo pelas mídias sociais e espetacularizando-a com novos atrativos, desde à coreografia à vestimenta. Desse ponto de vista, a quadrilha tradicional/matuta sai da ordem dos elementos culturais da modernidade e se transforma em um verdadeiro espetáculo, o que é denominado hoje como as quadrilhas estilizadas.

Em seu trabalho de mestrado, a autora Albuquerque (2013) apresenta e examina as transformações dos grupos folclóricos de quadrilhas juninas na cidade de Boa Vista – Roraima. Ela expõe que essas mudanças tiveram maior ênfase a partir do ano 2001, que foi

quando surgiu o interesse, por parte do governo e da prefeitura, em promover concursos e festivais de quadrilhas numa proporção espetacularizada.

As transformações que o processo de descontinuidade histórica gerou nas quadrilhas juninas permitiram possíveis transformações no que diz respeito à dança ser compreendida na ordem do espetáculo e da mercadoria. Desse modo, a ruptura do tradicional para o estilizado nas quadrilhas juninas favoreceu não somente no crescimento cultural da cultura popular, como também foi de enorme relevância para a nossa sociedade globalizada, capitalista e midiática. Essa ressignificação da dança como espetáculo e também como mercadoria alavancou a problemática deste trabalho.

Em relação ao exposto supradito, surgiram indagações a respeito da espetacularização da dança junina. Assim, questionamo-nos como se deram essas mutações, ou melhor, o porquê dessas transformações? Que necessidades surgiram para que as quadrilhas juninas passassem por esse processo de ressignificação, no qual, o tradicional perdeu o seu lugar para o estilizado? Para abordarmos e compreendermos esses questionamentos em relação ao nosso objeto de estudo, não fizemos a análise de um local ou de uma quadrilha específica, pois essa não é nossa finalidade neste artigo. Contudo, abordamos, aleatoriamente, quadrilhas paraibanas, que se preparam durante uma longa temporada para abrilhantar os festivais. Sobre os locais de acontecimento das quadrilhas, podemos afirmar que o mais cogitado é a cidade de Campina Grande, Paraíba, especialmente o Parque do Povo.

Nosso objetivo é compreender os fatores que influenciaram nesse processo de espetacularização, no qual a sociedade capitalista e midiática inseriu as quadrilhas juninas, relacionando-as com aspectos econômicos, culturais e históricos, para que, dessa maneira, possamos compreender as possibilidades de ruptura do tradicional para o estilizado das quadrilhas nas festas juninas. A partir da luz do conceito de espetáculo de Debord (1997) e da descontinuidade de Foucault (2010), dentre outros conceitos, investigaremos como se estabeleceu essa espetacularização. Nesse sentido, faremos uma abordagem que nos permitirá compreender a quadrilha como mercadoria e como dança do espetáculo.

A metodologia consta de uma pesquisa qualitativo-interpretativista. Esse método de pesquisa se refere ao estudo de dados subjetivos, crenças, costumes, hábitos que envolvem questões sociais e a partir da análise se faz possível uma reinterpretação, uma releitura do *corpus*. Neste trabalho, fizemos a análise de imagens que nos proporcionaram investigar o conflito de representação das quadrilhas juninas. Selecionamos (6) seis imagens retiradas de

páginas de blogs paraibanos, das quais pretendemos apresentar o processo de descontinuidade histórica e o estabelecimento do espetáculo das quadrilhas juninas.

Creriosamente, analisamos, nas imagens, as diferenças entre os dois estilos de dança: a matuta e a estilizada, bem como apresentamos os possíveis desdobramentos que promoveram a descontinuidade e o espetáculo. Das (6) seis imagens selecionadas, apresentamos apenas uma referente à quadrilha matuta e, nas (5) cinco restantes, mostramos os elementos relacionados à produção do espetáculo. Em sentido particular, observamos a mudança nas vestimentas, nas coreografias, na ênfase dada aos destaques da quadrilha, na presença do cenário, enfim, analisamos o processo de espetacularização das quadrilhas nas festas juninas.

Inicialmente, na seção 2, nosso intuito é estabelecer uma discussão teórica que irá respaldar este trabalho. Buscaremos apresentar o fundamento do espetáculo pela ordem dos fenômenos sociais, midiáticos, institucionais e discursivos, estabelecendo as mudanças sociais pertinentes a todos os aspectos humanos. Além disso, apresentamos a espetacularização da dança, a formação dos espaços responsáveis em promover esses eventos, as entranhas socioeconômicas e as relações existentes no processo de ruptura histórica na dança junina.

Em seguida, na seção 3, apresentaremos um modesto recorte da história das quadrilhas juninas, situando o leitor a respeito do assunto, para que, esse, compreenda o processo de análise elaborado com as quadrilhas nas festas juninas. Por meio da observação de imagens, serão apresentados os pontos que diferem a quadrilha tradicional/matuta da quadrilha estilizada, levando em consideração, sempre, o processo de descontinuidade histórica e a espetacularização como sendo promovedores dessas transformações.

2 DA DESCONTINUIDADE HISTÓRICA À ESPETACULARIZAÇÃO DAS QUADRILHAS NAS FESTAS JUNINAS

Ao tratarmos do tema da espetacularização, devemos considerar que esse fenômeno de ordem social, midiática, institucional e discursiva estabelece possíveis deslocamentos e mobilizações nos fenômenos sociais relacionados à cultura, à história, à economia, bem como a toda forma de produção e de atividade humana. Nesse sentido, ao convocarmos os conceitos de Debord (1997), compreendemos a espetacularização como uma força midiático-discursiva que institui a enunciação de fenômenos já-ocorridos pelo prisma da criação ilusória de algo real e comum que se (re)discursiviza pela ordem do surreal, do fantástico e dos aspectos econômicos.

Como afirma Debord (1997, p. 13, grifos do autor), ao retomar às ideias de Feuerbach, o fundamento do espetáculo se instaura da seguinte maneira:

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a *ilusão* é sagrada, e a *verdade* é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o *cúmulo da ilusão* fica sendo o *cúmulo do sagrado*.

Pelos elementos conceituais do excerto, podemos identificar o espetáculo como uma ilusão que proporciona o efeito do encanto sobre as coisas consideradas triviais. Efeito esse que estabelece um poder de (re)discursivização dos acontecimentos naturais da realidade, pela influência das forças efetivas que fundamentam a mobilização de fatores socioeconômicos. Assim, o espetáculo constitui a manipulação da realidade em relação a outras realidades que originam o acontecimento não-trivial, a reconstrução de uma verdade já acontecida como um produto maquiado e feito para atrair a atenção e o consumo de e por sujeitos atravessados pela ordem da ruptura com o feixe de acontecimentos irrompidos do passado.

Ao salientarmos sobre os diversos aspectos que geram essa espetacularização, deparamos com acontecimentos que, de forma parcial, são restabelecidos num padrão fantasioso e encantador, originando o que, de fato, a sociedade necessita para a formação de uma consciência-padrão¹, para que, dessa forma, atraia os olhares do público interessado

¹ Para que a espetacularização se encaixe nos parâmetros que a sociedade moderna impõe e, dessa forma, se englobe na padronização que a mídia propõe.

nesse espetáculo que faz parte da vida econômica e cultural dessa sociedade moderna capitalista. Sobre isso, nos afirma Debord (1997, p. 14, grifos do autor).

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como *instrumento de unificação*. Como parte da sociedade ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar *separado*, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada.

Diante do exposto, podemos perceber a unificação estabelecida entre o espetáculo, a sociedade, a cultura, a economia, o antigo e o novo². Dessa maneira, a espetacularização está, diretamente, ligada ao que, de certo modo, já existiu em outras épocas e que, no entanto, passou por uma (res)significação, ganhando, assim, um diferencial, que é explicado exatamente por um processo de embelezamento, fantasia e ilusão. Isso está ligado ao campo da economia, da cultura e da mídia. Ainda podemos identificar, nessa unificação, que a espetacularização realiza o papel, também, de separar os padrões sociais estabelecidos, ou seja, o espetáculo requer o máximo de holofotes e por isso não permite se deixar para traz retirando o que não mais lhe faz necessário, abrindo espaço para uma nova consciência que pensa economicamente pelo lado do belo e encantador. Nesse sentido, Debord (1997, p. 14 - 15, grifos do autor) afirma:

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e o consumo que decorre dessa escolha.

Assim, como já foi dito, a citação vem apenas reforçar essas formas individuais, sejam elas através da mídia ou propagandas, que o espetáculo possui, de influenciar diretamente no meio social, constituindo, desse modo, essa tão desejada afirmação por parte das escolhas estabelecidas, na tentativa de inovar o que um dia já foi novo, e que, no entanto, hoje já não é mais atrativo o suficiente para exibir e muito menos para encantar o meio social, que

² Neste caso, tratamos do modelo tradicional/ matuto das quadrilhas juninas, que é o antigo; e o modelo estilizado se trata justamente do novo.

estabelece padrões cada vez mais rígidos³. Com isso, apresentam-se aspectos⁴ que facilitam essa transformação do “velho” para o “novo” e que ajudam no encaixe dos novos padrões estabelecidos.

Quando pensamos em espetáculo, de imediato, convocamos elementos como: luzes, cores, brilhos, encantamentos, irrealismos, ilusões, dentre outros. Percebemos um verdadeiro jogo de sedução; e é, justamente, isso que vem sendo desenvolvido nos diversos aspectos sociais, dando real significado ao poder existente na afirmação socioeconômica. De acordo com Debord (1997, p. 16, grifos do autor), “[...] o espetáculo nada mais é do que o **sentido** da prática de uma formação econômico-social, o seu *emprego do tempo*. É o momento histórico que nos contém.” Em relação a isso, a espetacularização acontece a partir do momento em que (re)discursivizamos acontecimentos já existentes, que um dia já estiveram na ordem do belo e do encantador, mas, que já não se enquadram nos requisitos desejados do presente, e que precisam ser inovados e renovados, para se tornarem, outra vez, belo e encantador, bem como satisfazer o meio cultural, social, econômico e midiático; de modo geral, que estejam inseridos nos padrões da globalização.

Vivemos em uma sociedade altamente movida pela atração do que é belo. A globalização nos traz isso continuamente e a mídia, por sua vez, é um dos principais fatores que movem essa estratégia de mostrar o que é bonito, aquilo que é exuberante. Dessa forma, o espetáculo, para chegar a toda sua grandiosidade, (para chegar ao modelo estabelecido por essa sociedade globalizada, capitalista e midiática) passa por um processo de (descontinuidade histórica) mudanças, que o faz positivo, (que o enquadra nesses padrões) que o permite, através da aparência, tornar-se glorioso. O espetáculo atrai para si o modelo mais avançado que é tentativa constante de estar no topo, movendo toda a sociedade no que diz respeito à economia, à cultura, à mídia e a todo e qualquer tipo de manifestação alusiva ao espetáculo. Diante desse vasto mercado de consumo, a mídia possui o poder de interferir diretamente na vida socioeconômica da sociedade. A respeito disso, Oliveira (2016, p. 89) destaca:

A mídia se caracteriza por ser uma instituição que, pela constante repetição de imagens, tem por função construir múltiplas verdades no imaginário social. A circulação dessas imagens reproduz uma gama de acontecimentos discursivos que, de maneira particular, são evadidos de acontecimentos do

³ A modernidade estabelece padrões a serem seguidos. Nesse contexto, podemos destacar a necessidade de engrandecer e embelezar algo para que se encaixe na ordem do espetáculo.

⁴ Referimo-nos aos elementos responsáveis por dar um poder de sedução ao que antes já foi e que com a globalização já não é mais.

passado constituintes de discurso já-ditos. Esses discursos já-ditos são retomados por sua repetibilidade material, porém, por sua função enunciativa, são correlacionados com outros enunciados e transformados através da descontinuidade histórica, para possibilitar a produção de outros discursos.

A partir do ponto de vista da citação, podemos compreender que a mídia estabelece a imagem do formoso e do agradável. Propõe ao público, ao telespectador, uma maneira específica de anunciar/enunciar aquilo que é desejado, o que permite construir, no imaginário da sociedade, verdades que passaram por um processo de descontinuidade histórica e que, dessa maneira, motivam a elaboração de acontecimentos, propostas e ideias inovadoras, elementos que serão ressignificados para se encaixar aos padrões culturais, econômicos e sociais estabelecidos na modernidade.

Ao percebermos o mundo do espetáculo no seio dessa sociedade midiaticizada e consumista, podemos verificar, através de propagandas, o valor da imagem e a necessidade de atrair o desejo dos consumidores. A realidade de vida, na qual se destaca a espetacularização das imagens, vem sendo o resultado das práticas midiáticas de uma sociedade globalizada e moderna. Em total maioria, é a espetacularização a porta de entrada para esses sonhos modernistas e surreais, postos como “verdades absolutas” na produção de acontecimentos em um dado recorte temporal. Como afirma Debord (1997, p. 16), “[...] o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana - isto é, social – como simples aparência”. Além disso, o autor destaca que:

As imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida. A realidade considerada *parcialmente* apresenta-se em sua própria unidade geral como um pseudomundo à *parte*, objeto de mera contemplação. A especialização das imagens do mundo se realiza no mundo da imagem autonomizada, no qual o mentiroso mentiu para se mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo (DEBORD, 1997, p. 13, grifos do autor).

É o poder estabelecido por essas imagens produzidas pela mídia, que permanece, perfeitamente, visível ao mundo e é o interesse de ocupar a vida social, econômica e cultural das pessoas, que faz do espetáculo uma verdadeira potência. Essa necessidade de atrair a diversidade de públicos fundamenta o conceito de espetacular, que unifica sua formação. De

outro modo, o mundo gira em torno do espetacular, do belo, do glorioso; gira em torno da aparência que não cessa em se transformar e atualizar-se a cada segundo.

O espetáculo exige a produção midiática, no presente, de um acontecimento que esteve, ou está, passando por um processo de esquecimento. Esse processo é construído pela história, com o intuito, de ressignificar suas (“antigas” tradições) práticas e de reelaborá-las de maneira que, uma vez reinventadas, possam ser, novamente, mesmo que transformadas, tornadas um acontecimento histórico. Essa produção que a mídia fornece permite uma espetacularização capaz de fomentar acontecimentos duradouros e pertinentes, que influenciarão na sociedade. Conforme Oliveira (2016, p. 90):

A mídia produtora desses discursos age pela força dominante da sociedade do espetáculo. Por assim dizer, para produzir os acontecimentos discursivos, essa mídia constrói uma história do presente pela espetacularização de acontecimentos históricos, formados por saberes poucos duradouros. Dessa forma, as ideias do passado são restauradas, constantemente, no presente, pela relação de saberes e poderes da sociedade midiática que constrói múltiplas identidades pelas práticas discursivas.

O que podemos observar com isso, é a força que a mídia exerce sobre a sociedade, na elaboração dos acontecimentos, com o intuito de atender aos padrões socioeconômicos, de maneira que não permita outra forma qualquer que seja de interferência, para que, assim, a espetacularização seja abordada e atenda aos anseios sociais. Essas práticas permitem à mobilização dos fenômenos que geram a espetacularização e que remetem ao que diz respeito ao social, ao econômico e ao cultural.

Quando compreendemos que o espetáculo passa por um processo seletivo e minucioso, do que pode, ou não, adentrar ao contexto desejado e, dessa forma, ser cada vez mais esperado pelo público, entendemos o quão grandioso é esse universo do irrealismo e realismo. De acordo com Foucault (2010), podemos presumir que, a descontinuidade que influencia na produção do espetáculo, fundamenta a renovação e a perpetuação do momento de produção midiática das imagens. Assim, aquilo que, um dia, já foi tido como espetacular, passou por um processo de transformação e se perpetuou, adaptando-se através de uma descontinuidade histórica, chegando a ser, novamente, no presente, um espetáculo, de maneira que, agora, reluz com maior impacto.

Pensando o espetáculo no seio da cultura popular, onde exerce funções em meio ao sistema social, podemos percebê-lo em constante tentativa de relacionar passado e presente, sem que haja uma perda de tradição, ou seja, apesar de reelaborado, a essência continua a

mesma, não há uma retirada total do que era, mas um complemento para que não caia no esquecimento. É, sem dúvida, uma estratégia do mercado capitalista, de ofertar, ao gosto popular, para que, assim, o lucro seja sempre maior e o consumidor esteja satisfeito. O enfoque cultural institui uma ferramenta para a compreensão, a reprodução e a transformação do mundo globalizado, das culturas e da sociedade. Sobre isso, Canclini (1988, p. 16) assevera:

A cultura é igual à natureza: um espetáculo. Se ver do mesmo modo as praias com sol e as danças indígenas. O passado se mistura com o presente, as pessoas dão o mesmo que as pedras: uma cerimônia do dia dos mortos e uma pirâmide maia são cenografias para se fotografar.

Percebemos que há uma tentativa de *marketing*, por parte dos interessados no aspecto econômico da sociedade. Uma estratégia para atrair os consumidores e obter resultados lucrativos. Sabemos que a sociedade age a partir de suas necessidades, faz parte de sua natureza ressignificar algo que não mais apresenta estruturas sociais, econômicas e culturais em objeto que se enquadrem nos padrões estabelecidos pela sociedade. Essa maneira que Canclini (1988) utilizou, no excerto acima, para enxergar a cultura, comparando-a à natureza, formando, assim, um espetáculo nos permite uma visão clara do poder gerado através do espetáculo.

O mundo do consumo, por sua vez, é movido, seletivamente, e sob cálculos, analisando tudo o que pode ser ofertado e de forma interesseira descarta tudo o que não lhe resulta lucro. Dessa maneira, o mundo do espetáculo vem sempre se reelaborando justamente para que não acabe ultrapassado. Comparar o espetáculo com a mercadoria, permite-nos comparar também a ilusão com o real e, dessa forma, compreender a necessidade que há, por parte do mercado, de oferecer à sociedade (aquilo que vai lhe propiciar lucros, por isso a necessidade de ofertar) sempre o melhor (o que a mídia propõe e divulga). Segundo Debord (1997, p. 28, grifos do autor):

O mundo presente e ausente que o espetáculo *faz ver* é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido e o mundo da mercadoria é assim mostrado *como ele é*, pois seu movimento é idêntico ao *afastamento* dos homens entre se e em relação a tudo que produzem.

Nesse mundo, dito na citação, a imagem vale mais do que o real, o consumo predomina e a mercadoria é uma das principais fontes de desenvolvimento do mundo globalizado que vem sendo reproduzido através de tudo o que é espetacular. Essa globalização influencia nos parâmetros sociais, políticos, econômicos e culturais, de uma sociedade refém do capitalismo. O espetáculo, por sua vez, demanda uma constante transformação e adaptação, para não se deixar ultrapassar pela mídia que se reinventa a cada dia. Debord (1997, p. 18) resume o exposto, relevantemente: “quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico.”

Embora, estando sujeito a essas alterações (mudanças) do mundo globalizado, na política, na cultura e na econômica, o espetáculo mantém sua identidade, mesmo que seja reinventado e reelaborado. Obviamente, vai existir um conflito nessa identidade, que vai pôr em destaque sua manutenção na sociedade. Essas alterações permitem controvérsias, quando se tratam da criação de novas identidades que relembrem as do passado; e, assim, não deixem de colaborar com as identidades nacionais que tanto persistem em suas afirmações. Sobre isso, Woodward (2013, p. 25) discorre:

As mudanças e transformações globais, nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidades e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstrói seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima de mudança, fluidez e crescente certeza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem.

Diante das mutações que vêm sendo apresentadas nessa sociedade midiaticizada e globalizada, essas interrogações de afirmação de identidade do presente e do passado, estarão sempre presentes, pois não existe algo que determine padrões sobre o que é certo ou errado, o que é verdadeiro ou falso, ou ainda, o que pode estar no presente ou não. Sabemos que as tradições se renovam, reinventam-se, mas continuam existindo. A verdade no espetáculo está para aquilo que o faz poderoso e desejado. Está para além de um dito pelo já dito, determinada pela vontade, do que há por parte da sociedade, de dominar. Mudanças essas que estão presentes no social, econômico, político e cultural.

A espetacularização no meio sociocultural permite (uma reelaboração, re/discursivização) uma nova visão, um novo sentido, sem deixar morrer o que antes era tido

como verdadeiro; a gana de comandar, por parte da sociedade, pode ser demonstrada no espetáculo, através das trocas selecionadas e reproduzidas, no intuito de mostrar e atrair espectadores interessados no consumo. Trazer à tona, (re)discursivizar algo que parecia não mais existir e ser lançado trazendo toda sensibilidade de uma época, de um presente que já é passado, faz do espetáculo algo grandioso e esplendoroso. Dando suporte ao que está sendo dito, em relação à mercadoria como espetáculo, retomamos o pensamento de Debord (1997, p. 28, grifos do autor):

O princípio do fetichismo da mercadoria viva, a dominação da sociedade por “coisas suprassensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que a ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência.

Embora, seja demonstrada a sensibilidade existente através do espetáculo, não podemos deixar de considerar que nossa realidade está sendo influenciada pela imagem, ou seja, a mídia exerce um poder muito forte sobre os espectadores. Sendo assim, podemos observar cada vez mais a influência da mídia globalizada no fenômeno que chamamos de espetacularização. Essas técnicas midiáticas são essenciais na reelaboração e no processo de ressignificação dos acontecimentos.

Ao falarmos em espetacularização, não podemos, simplesmente, deixar de lado o termo descontinuidade histórica, que está ligada a esse processo de mutação, que vem reconstituindo a história. Segundo Foucault (2012) a descontinuidade é exatamente esse processo de rompimento e reelaboração de algo que não é mais desejado socialmente e, por isso não acarreta benefícios sociais, políticos e econômicos. Continuamente, a espetacularização ganha significados, através de rupturas que a faz ser essencialmente descontínua e, assim, promover a gana de controle e o desejo de poder da sociedade. Esse processo de mutação, pelo qual existe a reelaboração das coisas, é o que podemos denominar de descontinuidade histórica.

Pesando a espetacularização como algo transformador da sociedade, o que sem dúvidas é, podemos constatar as inúmeras técnicas de controlar e classificar esse processo de ruptura que a descontinuidade histórica nos apresenta. A sociedade, por sua vez, usufrui desse processo de compreensão das singularidades para dominar as variadas situações existentes e, ainda, livrar-se do que é de ordem material. A respeito, Foucault (2012, p. 8-9) emite:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Dessa maneira, a sociedade necessita desse controle em favor dessa espetacularização, para que assim possa evadir-se nos meios sociais, políticos, midiáticos e econômicos. Ao promover essa espetacularização, foi preciso que houvesse um processo de classificação daquilo que permaneceria e do que perderia seu espaço, para que o espetáculo, de fato, venha à torna-se um acontecimento, pois toda produção necessita de ser ponderada por determinados mecanismos que darão sentido ao espetáculo.

O sistema de classificação passa, sem dúvida por procedimentos de exclusão, ou seja, uma análise, uma seleção avaliativa que apresente o que não é mais necessário e, dessa forma não mais se encaixa nos parâmetros sociais desejados. Essas interdições estão diretamente ligadas ao desejo e ao poder, assim, o interesse por mudar, por se tornar um espetáculo, emocionar e encantar o público surge na tentativa de não continuar na mesmice e acabar no esquecimento.

Assim, esses métodos de classificação, de seleção é o que permite desconectar aquilo que, por muito tempo se fez presente como verdade, para dar espaço aos novos rumos que a modernidade apresenta. Compreendendo de fato a necessidade de estar em constante adaptação e renovação. Como nos diz Foucault (2010, p. 07)

“É preciso desligar a história da imagem com que ela se deleitou durante muito tempo e pela qual encontrava sua justificativa antropológica, a de uma memória milenar e coletiva que servia de documentos materiais para reencontrar o frescor de suas lembranças. [...]”.

2.1 “Quadrille”: um processo de transformação

Dos palácios aos tablados, as quadrilhas juninas contam com um vasto histórico de resignificação e adaptação no decorrer dos anos. Ao salientarmos sobre as quadrilhas juninas, automaticamente à associamos com as comidas típicas, os folguedos, as fogueiras, as simpatias, as músicas, as festas, ou seja, ao contexto cultural, social e econômico da época em que a mesma é dançada. Os brincantes da festa agregam essas manifestações da dança com a tradição católica. Nos meses alusivos a esta típica festa, que está ligada ao plantio e a colheita,

celebra-se no calendário religioso, três Santos: São Pedro, São João e Santo Antônio, ciclo que se inicia em Junho e se finda em Julho. Como afirma Barroso (2013, p. 46):

Um ciclo iniciado em 13 de junho, com Santo Antônio, cujo auge acontece no dia 24 do mesmo mês, com a celebração do dia de São João, e encerra em homenagem a São Pedro, no dia 29 de junho. Eis os marcos e referenciais religiosos das comemorações juninas.

Os festejos juninos, como pudemos observar, estão relacionados à comemorações de cunho religioso, e em meio esta grande festa, as quadrilhas juninas se destacam, embalando e encantando as comemorações referente aos três santos católicos. De origem Francesa no século XVIII, a “quadrille”, como assim era chamada, embalavam as noites palacianas contando com a presença de membros da aristocracia Francesa.

Apenas no século XIX chegou ao Brasil, não diferente do seu país de origem, a dança continuou embalando as festas das classes sociais mais ricas, fazendo jus ao seu modelo original, que consistia na maioria das vezes em pares de quatro casais ao som de músicas instrumentais. Foi durante o Império que a dança iniciou e se perpetuou por todo o país, desde as altas classes até as mais populares, como nos apresenta Holanda (s/d, p. 01)

Durante o Império, a quadrilha era dançada à moda original, nos grandes salões, com oito pares divididos em duas fileiras e ao som de uma gostosa e convidativa música, fazendo evoluções belíssimas a semelhança do balé, e desenvolvidas em cinco partes, sob a orientação de um coordenador que, em bom tom e em Francês gritava os passos iniciados e encerrados com!! “An Avant’ e “Na Anriére”.

Ainda restrita às classes sociais mais ricas, as quadrilhas juninas era uma deliciosa maneira de interação e também uma forma de socialização entra as classes dominantes do Império. Como pudemos observar no excerto, algumas orientações, gritos que regiam a dança permanecem até os dias atuais nas quadrilhas tradicionais mais conhecidas como matutas, outro exemplo é o caso do, na época Imperial, coordenador e hoje marcador que permanece como figura fundamental nas quadrilhas, tanto na “matuta” como na “estilizada”, diferença que será explicada mais adiante.

Quando a dança chegou ao Brasil, no final do sec. XIX, apenas a nobreza desfrutava das belíssimas evoluções ainda com heranças francesas, suas mudanças iniciaram a partir da popularidade adquirida, tornando-se comum e frequente em meio as camadas populares da sociedade. Dessa forma, ao popularizar-se ganhou novos componentes populares e culturais

adquirindo assim, elementos relacionados a vida cotidiana das classes menos favorecidas. E, ainda adquiriu maneiras mais divertidas de se dançar.

Esse processo de ressignificação, no qual determinada coisa adquire novos elementos e se adapta continuamente no tempo, faz das quadrilhas um patrimônio imaterial, que se reelabora de acordo com a necessidade da época, sejam essas sociais, econômicas, políticas ou culturais. Apesar da dança está inserida na cultura popular, existe por traz das “cortinas” um jogo de interesse político e econômico que motiva nos investimentos às quadrilhas juninas, que influenciam em suas mutações para que dessa forma o espetáculo seja cada vez mais atraente. De acordo com Santos (2012, p. 7-8):

A quadrilha junina é um patrimônio imaterial que precisa ser cultivado, ela faz parte da nossa cultura popular e deve ser inserida num processo de manutenção ritualística e estética que tenha como principais atores os próprios agentes populares envolvidos. O governo e os meios de comunicação precisam dessa manifestação enquanto “espetáculo junino”, mas uma interferência excessiva destes pode vir a prejudicar a dinâmica das quadrilhas, que já recebem uma grande influência do contexto moderno.

Essas formas culturais de fazer, recriar, expressar fazem parte desse patrimônio imaterial que vem sendo preservado com o passar do tempo, sendo o povo o próprio agente revolucionário atuante. A reelaboração das quadrilhas juninas faz parte do processo de embelezamento que a dança necessita para continuar atraindo seu público e fundos lucrativos, renovando-se sempre para não ser ultrapassada pela modernidade que atualiza-se a cada segundo.

Hoje ao pensarmos as quadrilhas Juninas percebemos um conflito de representações que está para além das mudanças, ou seja, não se trata apenas da dança ter saído dos grandes salões para os festejos populares mas, ao popularizar-se, se fez presente nas manifestações de celebração do fim das colheitas, ao redor da fogueira, com música e muita comida. Retomando a temática da saída da dança junina da corte ao gosto popular, aos sertões, relacionamos a esse conflito de representações causados pela modernidade e urbanização. Afirma Neto (2015, p. 105):

Na primeira metade do século XX os ideais de modernidade e urbanização impulsionaram o processo migratório campo-cidade, o que trouxe a quadrilha aos centros urbanos onde ganha novos sentidos e características. Em Recife e outras capitais do Nordeste, transforma-se numa manifestação popular urbana cuja concepção baseia-se na representação do mundo rural a partir de pré-noções e estereótipos acerca das pessoas e da vida do campo.

Da corte para os interiores do Brasil e em seguida para as cidades, as quadrilhas juninas estiveram presente nos grandes salões, nas festas de colheitas e nos centros urbanos e desde então, não cessa em se renovar. Em cada região adquiriu peculiaridades das tradições existentes, e apesar de manter sua essência, não se fechou para as novas brechas que os costumes cotidianos das regiões lhe proporcionou. No Nordeste, terra de muitas tradições, as quadrilhas ganharam um diferencial, um brilho e um encanto particular, de acordo com as peculiaridades de cada estado.

As quadrilhas juninas passaram por um longo e minucioso processo de resignificação e esses procedimentos continuam fazendo parte das perspectivas das danças juninas. Essas transformações fez as quadrilhas de décadas anteriores transitarem por uma nova expressão voltadas para atender as demandas do mercado. Fatores importantes contribuíram para essa ruptura nas quadrilhas juninas, assim como o fator econômico, político, social e midiático. A modernidade permitiu e influenciou nas mudanças sofridas na dança junina e desse modo atraiu os olhares do público interessado nas vantagens que a dança lhe proporcionara, sejam interesses políticos, econômicos, culturais ou sociais.

2.2 Da corte Francesa aos campos populares

As quadrilhas juninas tomaram novos rumos, percorreram novos caminhos e popularizam-se. Quando ao Brasil chegou, inicialmente foi dançada pelas classes sociais mais ricas, igualmente no seu país de origem, ao tornar-se comum em meio a sociedade, sendo apreciada por todo o país, a dança ganhou influencias das peculiaridades de cada região, de cada estado, sendo o Nordeste, onde mais essa tradição se perpetuou, e se renova de acordo com as demandas do presente.

O ser humano está em constante processo de transformação, por isso é inacabado. Destacamos nesse processo de reelaboração a busca incansável pelo novo, o desconhecido, por renovações, mudanças, a insaciável busca pela criatividade. Nessa discursão que começamos pensar o contexto de recriação da quadrilha junina, sabemos que suas transformações ocorreram num longo processo, e não podemos deixar de considerar a influência midiática que a população moderna necessita para continuar usufruindo dos poderes adquiridos através da dança junina.

Quadrilha. Dança palaciana do século XIX, protocolar, que abria os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, preferida por toda a sociedade. Foi

popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático e transformada pelo povo, que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco pares, gritadas pelo “marcante”, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial até os sertões. (CASCUDO, 2001 apud CASTRO, p. 06-07 grifos do autor).

Quando a dança chegou aos interiores dos sertões ganhou novas características e sentidos diferentes. Mantendo sua essência e adaptando-se a estilos caipira e matuto; a quadrilha tradicional era dançada nas noites de São João referenciando o Santo Católico São João e desse modo, a tradição junina se perpetuou. A quadrilha matuta foi adaptada aos costumes peculiares de cada estado, cidade. Se recordarmos nossa infância e as noites de São João, de imediato lembraremos dos vestidos de chita, tranças no cabelo, chapéu de palha, calça jeans com retalho e blusa xadrez; de uma festa bonita comemorada com quadrilhas improvisadas.

A dança era iniciada com um casamento matuto, em seguida iniciava a grande celebração com músicas animadas no ritmo junino, geralmente acompanhava uma sanfona, um zabumba e um triângulo, o trio sanfoneiro (Luiz Gonzaga, Marines entre outros) formando grandes círculos, o conhecido caminha da roça, no qual o marcador, que é a pessoa responsável para puxar, narrar a quadrilha, gritava o que deveria ser feitos pelos pares que ali dançavam, formavam também filas e túneis. Uma bela manifestação de alegria, na qual as famílias socializavam.

Os trajes mais comuns são: para os cavalheiros, camisa de estampa xadrez, com imitação de remendos na calça e na camisa, chapéu de palha, talvez um lenço no pescoço e botas de cano; as damas geralmente usam vestidos com estampas florais, de cores fortes, com babados e rendas, mangas bufantes e laçarotes no cabelo ou chapéu de palha. (RANGEL, 2008, P. 52-53).

A quadrilha junina tradicional matuta foi por muitos anos a principal dança junina, no entanto, há alguns anos a dança vem se transformando ainda mais, passando do matuto para o estilizado, que é uma maneira mais padronizada de se dançar, o vestido de chita, ganha mais brilho, o chapéu de palha é trocado por arranjos ou chapeis mais enfeitados, entre outros detalhes que faz parte desse interesse socioeconômico, dessa demanda da sociedade moderna de usufruir dos diversos favorecimentos que a dança junina pode beneficiar-lhes.

2.3 Do matuto ao estilizado

Quando a dança sai dos campos e volta para os centros urbanos, continuamente vais se adaptando, adquirindo características do meio e se reelaborando, assim a quadrilha matuta inicia seu processo de estilização, no qual a dança é coreografada, padronizada, as roupas são todas iguais, os passos o mais idêntico de um quadrilheiro para o outro possível, os instrumentos musicais que antes se fazia essencial apenas os três citados acima, agora já é muito comum encontrar todos os tipos de instrumentos nos “trios” pé de serra, a quadrilha passa por um processo de ressignificação histórica.

Esse processo de evolução das danças juninas, que vai desde a vestimenta a performance de cada quadrilheiro, gerou e ainda gera um grande conflito de representação, que envolve agentes sociais que usufruem dessa tradição para se beneficiarem e tirarem proveito desse fenômeno cultural. Hoje os grupos juninos se preparam durante quase todo o ano, as roupas ganham brilho, cor, os passos agora são coreografados, toda a quadrilha gira em torno de um tema escolhido, desde as roupas às músicas. Afirma NETO (2015, p. 112) a respeito da dinâmica em que as quadrilhas juninas estão inseridas:

A dinâmica de produção de uma quadrilha é um movimento cíclico. Os preparativos começam em meados agosto ou setembro com a escolha do tema do ano por parte da diretoria. Em seguida, a partir de outubro, iniciam-se os ensaios com todo o grupo, intensificados no começo do ano seguinte em encontros semanais, com vistas a cumprir um calendário de preparação até as primeiras semanas de junho, quando da estreia. O tema é explicado e detalhado num ‘projeto’ que descreve a história do casamento, personagens, textos, situações dramáticas, a previsão de momentos coreográficos ou teatrais importantes, os croquis de figurino, cenários e adereços, além da trilha sonora (as músicas e sua sequência).

O objetivo das quadrilhas juninas é, sem dúvida, festejar e brincar o São João, no entanto a modernidade trouxe renovações e com elas as quadrilhas juninas também se renovaram, por traz da manifestação de alegria está a competitividade em meio ao espetáculo, como pudemos observar, as quadrilhas iniciam seus planejamentos muito antes do mês junino, é quase o ano inteiro de preparação, tudo que será apresentado é minuciosamente articulado. O primeiro passo é escolher a tema a ser trabalhado, a partir de então é pensado o figurino, o cenário, as músicas e coreografias, além das encenações teatrais antes, no meio ou ao finda a apresentação da quadrilha, sem falar na música exclusiva e disputa de melhor casal de rei e rainha do milho e noivos.

3 QUADRILHAS JUNINAS: UM ACONTECIMENTO NA ORDEM DA ESPETACULARIZAÇÃO

Na nossa forma particular de apreensão, consideramos o espetáculo como um acontecimento que se faz na ordem da rediscursivização midiática de um evento social, principalmente no que concerne à ordem do surreal e do fantástico, para que, de fato, esse acontecimento do presente seja irrompido de acontecimentos do passado e seja produzido em condições discursivas em que predominam uma série de elementos referentes às forças que estabelecem a criação da fantasia e da mercadoria.

Nesse sentido, para ilustrarmos esse ponto de vista, gostaríamos de apresentar duas imagens sobre o acontecimento das quadrilhas no São João de Campinha Grande: (1) o primeiro, como um acontecimento referente à quadrilha como um evento social feito pela ordem das bases culturais da tradição, a quadrilha dita-matuta, algo característico do ordenamento histórico e cultural de uma época, a saber, década de 1980; (2) o segundo, em relação ao acontecimento da quadrilha pela ordem do espetáculo, isto é, a quadrilha dita-estilizada, um acontecimento presente, a saber, em 2017, feito pela ordem da ruptura, da descontinuidade histórica de um evento histórico estabelecido na ordem da tradição.

Para tanto, apresentaremos duas imagens: (A) a imagem 1, que representa a quadrilha como um acontecimento histórico, feito pelas forças da tradição de uma época, a chamada quadrilha matuta; (B) a imagem 2, que representa a quadrilha do espetáculo, ou seja, a quadrilha dita estilizada. Veja as seguintes imagens:

Imagem 1: A quadrilha matura



Fonte: Carla Cordeiro, Dayane Andrade e Jenifer Pachú, 2014.

A imagem 1 apresenta o acontecimento histórico da quadrilha matuta, isto é, a quadrilha da tradição. Entendemos por tradição, aquilo que se conserva de geração para geração, sejam costumes, culturas, lendas, fatos, ou tudo aquilo que permaneça “vivo” com o passar do tempo, mesmo que passem por um processo de ressignificação. As quadrilhas juninas surgiram no século XVIII e, desde então, até à atualidade, podemos presenciá-las como um acontecimento histórico-cultural nos meses de junho e julho; mesmo que, atualmente, as danças juninas tenham passado por diversas transformações, ainda assim, são as quadrilhas juninas das noites de São João.

A rica dança junina de origem francesa tornou-se estimada. Chegando ao Brasil, rapidamente, popularizou-se e adaptou-se às peculiaridades de cada estado. Inicialmente, as quadrilhas juninas seguiam o modelo original já citado anteriormente. No entanto, mais tarde, invadiu o gosto popular e, em meios rurais, era uma maneira de manifestar e agradecer às colheitas, reverenciando os santos católicos. Seu todo de movimento compreende uma dança coletiva em pares com passos improvisados e com muita alegria, de início tradicional, mais conhecida como quadrilha matuta.

Nas noites de festas juninas, a população se reunia para os festejos juninos; ao redor da fogueira, formavam-se os pares para dar início à quadrilha matuta. Mas, antes da dança iniciar, acontecia o casamento matuto, tendo como personagens, na maioria das vezes, a noiva grávida, o noivo querendo fugir da responsabilidade, o padre, o sacristão, o pai matuto e ignorante e o delegado. Após a realização do casório, iniciava-se a quadrilha ao som de músicas animadas, contando com a presença do narrador/marcador, que era quem puxava a quadrilha, com gritos orientadores.

A dança era improvisada. O narrador/marcador gritava o que deveria ser feito e a quadrilha o obedecia. A exemplo dos gritos, no caminho da roça, que consistia de um grande círculo girando, o narrador gritava: “olha a chuva!”; desse modo, a quadrilha inteira dava meia volta, girando ao contrário, gritando: “é mentira!” e todos retornavam ao curso anterior. Dessa maneira, a quadrilha se desenvolvia: os passos eram variados. Podemos destacar, também, como passos da quadrilha matuta: o túnel, o balancê, o cerrote, entre outros. Não podemos deixar de mencionar os passos de origem francesa, que perduraram até hoje nas quadrilhas matutas: *alavantú* e *anarriê*. Esses passos eram e ainda são, nas quadrilhas matutas, utilizados quando a quadrilha está em duas filas: damas de um lado e cavalheiros do

outro; quando o narrador grita *alavantú*, as filas vão para frente e, ao gritar *anarriê*, retornam aos seus lugares – passos simples e improvisados, com muita alegria.

As vestimentas não fugiam do estilo caipira/matuto predominante nas sociedades populares que se preparavam para dançar as quadrilhas juninas. As damas usavam vestidos de chita ou xadrez e chapéus de palha ou fitas amarradas nas trancinhas. Os cavalheiros usavam calças jeans com remendos de chita ou xadrez, camisas também de xadrez e chapéus de palha, também eram feitas barbas falsas. A vestimenta era muito simples, sem brilho, o que não impedia de comemorar, brincar, dançar nas noites de São João.

As músicas eram tocadas por um trio pé-de-serra, composto de sanfona, triângulo e a zabumba. Eram músicas instrumentais caipiras e, apesar da rediscursivização sofrida, ainda fazem parte e são muito apreciadas, na atualidade. Podemos destacar que as quadrilhas juninas são animadas pelo trio pé-de-serra, no entanto, já se utilizam outros instrumentos musicais, irrompendo com o modelo tradicional e abrindo espaço para o diferente – o inovador.

Pudemos observar, através da descrição acima, como se realizava a dança junina. Nesse sentido, as quadrilhas tradicionais, que eram movidas pelo sentimento de agradecimento, resistiram à modernidade, mas perderam seu espaço, com o surgimento das quadrilhas estilizadas; desse modo, podemos nos questionar se: as quadrilhas dito-matutas acabaram? Não podemos afirmar tal coisa, mas podemos explicitar que essas quadrilhas matutas passaram por um processo de ruptura, uma descontinuidade histórica que lhes permitiu transformações e adaptações, a partir dos anseios da sociedade moderna, consumista e interessada em dominar.

Veja a imagem 2:

Imagem 2: A quadrilha do Espetáculo



Fonte: Codecom/ Redação PMCG, 2015.

Na imagem 2, percebemos que a espetacularização da quadrilha junina, no São João de Campina Grande, acontece em conformidade com a disposição dos seguintes elementos:

(1) a quadrilha como uma mercadoria do espetáculo, ou seja, presumimos que os fins lucrativos que as quadrilhas juninas geram envolve muito mais do que os olhos dos espectadores apreendem. Quem ver as apresentações das quadrilhas nos festivais juninos, não imagina o complexo de investimento que compreende a quantidade de empresas que estão sendo beneficiadas através desse acontecimento espetacularizado.

O mercado junino está cada vez mais atualizado e as quadrilhas tendem a acompanhar a modernidade. Desse modo, existe todo um processo de elaboração das quadrilhas dito estilizadas; os preparativos se iniciam com a antecedência de mais ou menos oito meses. Antes de qualquer coisa, é criado o tema que será trabalhado no projeto da quadrilha, tudo o que vai ser explorado, desde a coreografia à vestimenta. Podemos perceber que, por traz desse projeto, alguém está sendo, quando não faz por simplesmente amar ser quadrilheiro, gratificado pela elaboração desse projeto, afinal, não se trata apenas da dança junina, a festa, a brincadeira, mas sim, do desejo de ganhar os festivais juninos.

Em relação à sociedade capitalista e moderna, ao analisarmos as quadrilhas com todos esses aparatos, chegamos à conclusão de que a dança junina necessita de diversos elementos que o mercado econômico oferece para que aconteça o espetáculo. Por traz dos belos vestidos e as roupas masculinas, as lojas de tecido, de pedrarias e as costureiras são beneficiadas com fins lucrativos. Por traz das coreografias, também existe um coreógrafo que foi contratado para repassar e executar a coreografia

durante os meses de ensaio. Por traz das belas maquiagens e penteados, existem as/os cabelereiras/os e maquiadoras/es que também saem lucrando. Os cenários, parte da quadrilha estilizada, que não fazia parte da quadrilha matuta, também são geradores de lucros para as empresas de aluguel ou pessoas que o fazem. Esses são os meios de lucros internos das quadrilhas juninas.

Ainda pensando nesse mercado capitalista e consumista, podemos observar que a geração de renda nos festivais de quadrilhas juninas também é feita da aglomeração de espectadores nos festivais, que movimentam, sem dúvida, o comércio local da cidade onde se realiza os festivais. Nesse caso, existem uma grande movimentação no comércio, principalmente nas lanchonetes, nos restaurantes, os quais aumentam as vendas; nas barraquinhas ao redor do local onde está acontecendo os festivais multiplicam-se o lucros, justamente pela entrada de turistas que apreciam as danças juninas. Com o aumento da população, o comércio, sem dúvida, aumenta sua produção e o lucro, por sua vez, cresce.

(2) A quadrilha pela ordem do espetáculo que, dessa forma, compreende as quadrilhas estilizadas, que adquiriram espaço e inovaram as festas juninas, com exibições de verdadeiros espetáculos. As quadrilhas estilizadas, para acontecer na ordem do espetáculo, passam por um longo processo de ensaios e aprimoramentos, com duração de quatro, cinco (5) ou até mesmo seis (6) meses de preparação, para que, dessa forma, a coreografia saia o mais perfeito possível.

Na imagem a seguir (a imagem 3), podemos constatar o Ensaio da quadrilha **Junina Paraíba**, do **Grupo A**, no ano de 2013:

Imagem 3: Preparação das quadrilhas (ensaio)



Fonte: Site coisas juninas, 2013.

Os procedimentos, para exibir o espetáculo esperado pelo público, requerem muita dedicação por parte dos quadrilheiros. Podemos perceber, na imagem 3, a produção do sincronismo na coreografia: (1) as mulheres ensaiando com saias (já-espetacularizadas), justamente para que o movimento de suas saias seja o mais igual possível durante a apresentação; (2) os homens, do mesmo modo, com seus chapéus, postos no chão, para que, também, haja a harmonia e a sincronia dos movimentos da dança. Tudo isso conta para que a quadrilha brilhe e realize um verdadeiro espetáculo nos festivais. Não podemos deixar de mencionar que, mesmo sendo um ensaio, claramente, observamos que existe uma enorme diferença na vestimenta da quadrilha estilizada em relação à quadrilha matuta vista na imagem 1.

As quadrilhas juninas estilizadas são minuciosamente elaboradas, pois seus objetivos estabelecidos para alcançar excelente pontuação nos itens que serão avaliados para chegar a ser campeã dos diversos festivais. Falando em festivais, não podemos deixar de mencionar os concursos de melhor rainha e de melhor casal de noivos. Além de os festivais de quadrilhas juninas acontecem em datas distintas, geralmente, acontece, antes, a escolha de melhor rainha do milho e também de melhor casal de noivos. Para compreendermos a espetacularização dos concursos da rainha campeã, observemos a imagem 4:

Imagem 4: Campeã do concurso de melhor rainha do milho



Fonte: Site Araruna 1, 2013.

Na imagem 4, podemos observar o acontecimento da espetacularização de um concurso de melhor rainha do milho e de um casal de noivos. Para tanto, devem ser considerados: a simpatia, a desenvoltura, a elegância ao executar a apresentação, as músicas, que no caso das rainhas, são específicas para elas e, na maioria das quadrilhas estilizadas, compõem uma letra em que o próprio nome da rainha do milho, da pessoa quadrilheira, está inserido na canção. Ainda podemos mencionar a questão da indumentária: se está de acordo com o tema selecionado; o único diferencial do concurso de ambos é que, para os noivos, é o casal, não apenas a noiva, diferente do da rainha, nisso, vai ser avaliada também a sintonia existente entre os dois.

Os festivais de quadrilhas apresentam regulamentos que devem ser cumpridos, caso não o seja, a quadrilha é desclassificada e, em alguns casos, até penalizada. Em todo e qualquer festival, são apresentadas, para as quadrilhas, as regras do festival, por exemplo: a ordem de apresentação, se será através de sorteio; a ordem de chegada ou como a comissão organizadora decidir; a duração da apresentação que, geralmente, é de 30 minutos; os itens a serem julgados no festival, que diferem de festival para festival; em todo caso, na maioria dos festivais, a mesa julgadora, na qual estão presentes os jurados que avaliam os seguintes itens: tema, figurino, marcador, coreografia, harmonia, sintonia, animação, repertório musical, casamento, casal de noivos e rainha do milho.

O trio pé-de-serra, que acompanha as quadrilhas juninas nos festivais, atualmente, já não conta mais ponto, dessa forma, já não se faz necessária a sua presença. A quadrilha pode gravar o áudio e realizar sua apresentação tranquilamente, mas, quanto à seleção de música, deve-se ter muito cuidado para não fugir do tema. Diferentemente da quadrilha matuta, nas quadrilhas estilizadas, as músicas tomaram outra proporção, não são apenas as músicas juninas, as marchinhas de São João, que entram no repertório da quadrilha; atualmente, as quadrilhas se adaptam às músicas que desejam e que se relacionam com o tema, para abrilhantar ainda mais sua apresentação.

O marcador sempre foi e continua sendo uma figura de extrema importância para as quadrilhas. Eles podem fazer parte do corpo da quadrilha, como também ser uma figura à parte; no entanto, alguns festivais não admitem que o marcador faça parte da dança em si; no caso desse festival, acarretaria perda de pontos na hora da avaliação. O marcador desenvolve todo o espetáculo da quadrilha junina. É ele o responsável pela animação na apresentação, por isso é avaliado individualmente. Na imagem 5, a seguir, podemos observar a relevância da figura do marcador:

Imagem 5: A figura do marcador



Fonte: Naira Amorelli, 2012.

O marcador propõe aos quadrilheiros a orientação que eles precisam para que o espetáculo aconteça. Nas quadrilhas estilizadas, o marcador funciona quase como apresentador, pois a coreografia já é ensaiada e montada durante os meses de ensaio. Nos primeiros minutos de apresentação, é o momento no qual o marcador apresenta a quadrilha e a temática que traz e prossegue com a animação durante toda a apresentação.

As quadrilhas juninas estilizadas, assim como as matutas, trazem casais que ficam à frente da quadrilha – os destaques. Esses casais, além de estarem ocupando a primeira fila nas quadrilhas, têm suas roupas diferenciadas do restante da quadrilha – os denominados, padrão. Os casais-destaques são: o casal de noivos, o casal de reis do milho, casal tema, casal de lampião e os cangaceiros. Destacamos que, não necessariamente, a quadrilha apresenta todos esses destaques; a escolha dos destaques da quadrilha depende do tema escolhido. Alguns temas não precisam apresentar alguns dos destaques citados, no entanto, são fundamentais, em toda e qualquer quadrilha, o casal de noivos e reis do milho. Observemos:

Imagem 6: Os destaques



Fonte: Codecom/CG, 2017.

Podemos constatar, na imagem 6, a diferença entre os padrões e os destaques. Gastam-se bem mais nos destaques, pois as roupas requerem mais brilho, detalhes, adereços, elementos que os padrões não precisam. Claramente, a imagem 3 nos apresenta isso, nos três casais de cangaceiros, os quais possuem roupas mais incrementadas e elementos à parte; no caso dessa imagem, são as espingardas e facões.

As quadrilhas juninas estilizadas são um verdadeiro espetáculo, principalmente no que consiste o teatro, a cenografia, a dança e a música. O processo de descontinuidade histórica, sofrido pelas quadrilhas, semeou o desejo de ilusão e fantasia por parte dos interessados em poder. Atualmente, embora ainda haja, claro, as quadrilhas matutas que brincam o São João sem envolver competição, o foco é competir. Todos esses elementos que expomos até aqui, que tornam as quadrilhas juninas um espetáculo à parte, surgiram pela necessidade de obtenção de lucro, que possui a sociedade moderna, midiática, econômica.

De matuta à estilizada, as quadrilhas juninas romperam com o modo tradicional e modernizaram-se, trazendo para seu meio essa espetacularização cultural, econômica, social e midiática, necessária para continuar sendo o foco junino. As tradições se renovam, se rediscursivizam e se reelaboram, permanecendo com suas essências, mas sempre absorvendo aquilo que vai lhe proporcionar poder, pois, não podemos deixar de lado que o capitalismo está presente na nossa sociedade globalizada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser um tema no qual estive inserida, como quadrilheira, durante anos e que, indiretamente, ainda estou, ao iniciar essa pesquisa, não contava com aos desdobramentos que ela traria em seu âmbito científico. A cada momento da pesquisa surgiam diversas informações que contribuíram para o desenvolvimento dessa análise e que atenderam às problemáticas que o tema aborda, tanto no que diz respeito aos fenômenos culturais, como sociais, econômicos e midiáticos.

Este trabalho foi direcionado para compreender as transformações que as quadrilhas juninas passaram ao longo dos anos, a partir do processo de descontinuidade histórica, chegando a se tornar um espetáculo. Para tanto, afim de atendermos aos anseios desejados, apresentamos o jogo de interesse por parte dessa sociedade globalizada capitalista, relacionando a cultura popular aos elementos sociais, econômicos e midiáticos.

Ao início deste trabalho, apresentamos autores que fundamentam a proposta de espetacularização, caminhando pelos elementos que dão suporte aos conflitos de representação da dança. Para fundamentar, utilizamos autores como Debord (1997), Oliveira (2016), Foucault (2010), Canclini (1988) e Woodward (2013). Esses autores alicerçaram a base desse estudo, enfatizando a espetacularização, o papel da mídia, a reelaboração da dança como acontecimento e a cultura popular. Desse modo, apresentaram fatores que contribuíram para compreendermos o processo de ruptura causado pela descontinuidade histórica das quadrilhas nas festas juninas.

Diante do exposto, conseguimos esclarecer e compreender a quadrilha junina como uma necessidade “de consumo” da sociedade globalizada e capitalista, principalmente no que tange a não permanecer como um acontecimento histórico preso às tradições, resignificando-se para atender às exigências do público consumista. Nesse tempo moderno que estamos vivenciando, não há espaço profícuo para as produções culturais cristalizadas pela força da história, tudo se renova e se adequa aos padrões sociais, para continuar fazendo parte do meio social. É nesse sentido que as quadrilhas juninas matutas passaram pelo processo de reelaboração (de descontinuidade histórico-cultural) para continuar acompanhando a modernidade.

Com o avanço social e econômico, surgiu a necessidade de renovação, pois, aquilo que não se adequa aos padrões atualizados que mídia sensacionalista impõe, é esquecido, justamente por não atrair fins lucrativos e poder. As quadrilhas juninas, ou melhor, os

responsáveis e interessados na elaboração da dança, não permitiram ser esquecidos e, pensando nesse processo de ruptura, constituíram a partir da quadrilha matuta uma forma de espetacularizar a dança em todos os aspectos, apropriando-se de um “novo” jeito de fazer quadrilha, tanto no que diz respeito à Cultura quanto à Economia. Esse “novo” jeito de dançar não rompeu definitivamente com o antigo, no entanto, maquiou a dança e a sofisticou, ficando conhecida como quadrilha estilizada.

A análise abordada não se apresenta fatigante e, dessa maneira, a pesquisa pode se estender no campo das categorias sociais, culturais, econômicas e midiáticas. Por essa razão, a pesquisa toma proporções variantes que expandem o campo de investigação do estudo da espetacularização das quadrilhas nas festas juninas e, assim, apresenta-se como auxílio para os interessados em discutir as variadas propostas que as quadrilhas juninas oferecem.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Tereza Kátia Alves de. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista – Roraima (2001 – 2011)** Manaus: UFAM/UFRR, 2013. 154 f.; il. color.

AMORELLI, Naira. **Festa Junina, comidas típicas e quadrilhas? Na Paraíba tem.** Embarquenaviagem.com. 06/06/2012. Disponível em: <<http://www.embarquenaviagem.com/2012/06/06/festa-junina-comidas-tipicas-e-quadrilhas-na-paraiba-tem/>> Acessado em: 06/11/2017 às 23:16.

BARROSO, Hayeska Costa. **Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar: um ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lesso e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 283 – 350. Culturas Híbridas, poderes oblíquos.

CASTRO, Thiago Silva de. **A QUADRILHA JUNINA EM UM CONTEXTO DE PROFISSIONALIZAÇÃO: um estudo sobre a cultura quadrilheira em SOBRAL/CE.**

CORDEIRO, Carla. ANDRADE, Dayane. PACHÚ, Jenifer. **Reportagem Especial: As cores e a moda do São João.** Reporterjunino.com. 20/06/2014. Disponível em: <<http://reporterjunino.com.br/2014/06/20/reportagem-especial-as-cores-e-moda-do-sao-joao/>> Acessado em: 06/11/2017 às 11:44.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970.** 22. Ed. São Paulo: Edição Layola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 7. Ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2010.

HOLANDA, Maristela Ataíde. **As festas juninas e as quadrilhas – Festival de quadrilha da Funcet, década de 90.**

NETO, Hugo Menezes. **Música e festa na perspectiva das quadrilhas juninas de Recife.** Revista ANTHROPOLÓGICAS. Ano 19, 26 (1) 03-133, 2015.

OLIVEIRA, Antonio Flávio Ferreira de. A mídia e a espetacularização da história: Uma análise do caso Jango na comissão nacional da verdade. In: LINS, Juarez Nogueira (Org.). **Estudos na Área de Linguagem: Ensino, Pesquisa e Formação Docente.** Recife: EDUFPE, 2016.

RANGEL, Lúcia Helena Vitali. **Festas juninas, festas de são João: origem, tradições e história.** São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

SANTOS, Eliseu Ramos dos. **A cultura popular e as quadrilhas juninas.** Teresina – PI, 2012.

Site CAMPINAGRANDEPB.COM. **Quadrilha junina campeã da Paraíba e do Nordeste, vai buscar o título brasileiro.** 05/07/2015. Disponível em <<http://campinagrandepb.com.br/quadrilha-junina-campea-da-paraiba-e-do-nordeste-vai-buscar-o-titulo-brasileiro/>> **Acessado em 06/11/2017 às 11:14.**

Site COISASJUNINAS.BLOGSPOT.COM. **Quadrilha junina Paraíba (matéria especial).** 23/04/2013. Disponível em: <<http://coisasjuninas.blogspot.com.br/2013/04/quadrilha-junina-paraiba-materia.html>> Acessado em: 06/11/2017 às 11:28.

Site ARARUNA1.COM. **Paraíba escolhe rainha e casais campeões do São João.** 20/06/2013. Disponível em <<http://www.araruna1.com/noticia/6480/paraiba-escolhe-rainha-e-casal-campeoes-do-sao-joao>> Acessado em: 06/11/2017 às 23:29.

Site PARAIBAONLINE.COM. **Festival Campinense de Quadrilhas Juninas apresenta resultado neste domingo.** 11/06/2017. Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/saojoao/festival-campinense-de-quadrilhas-juninas-apresenta-resultado-neste-domingo/>> Acessado em: 06/11/2017 às 23:31.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais.** 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ANEXO A – IMAGENS DO PROCESSO DE ESPETACULARIZAÇÃO

Imagem 1: A quadrilha matura



Fonte: Carla Cordeiro, Dayane Andrade e Jenifer Pachú, 2014.

Imagem 2: A quadrilha do Espetáculo



Fonte: Codecom/ Redação PMCG, 2015.

Imagem 3: Preparação das quadrilhas (ensaio)



Fonte: Site coisas juninas, 2013.

Imagem 4: Campeã do concurso de melhor rainha do milho



Fonte: Site Araruna 1, 2013.

Imagem 5: A figura do marcador



Fonte: Codecom/CG, 2017.

Imagem 6: Os destaques



Fonte: Codecom/CG, 2017.